

O SUBESQUEMA CONSTRUCIONAL [[X] PREP N] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Edson Rosa Francisco de Souza¹
Jordan Faria de Rezende²
Mariane Salton³

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar, com base em Scaldelai (2016, 2017, 2020) e Scaldelai-Salles e Souza (2020), o subesquema construcional de intensificação [[X] Prep N] no português brasileiro, que instancia diversas microconstruções intensificadoras, como “pra cacete”, “do caramba”, “com força”, entre outras. A análise segue a abordagem construcional da linguagem (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010), considerando as propriedades de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, fundamentais para a formação e convencionalização dessas expressões. Segundo os autores, essas construções perifrásticas têm a função de intensificar ou exagerar aspectos de algo. Utilizando o Córpus do Português (DAVIES e FERREIRA, 2006), que reúne bilhões de palavras, este estudo busca descrever as microconstruções instanciadas pelo subesquema [[X] Prep N], diferenciando-as de outras construções simples, como “muito” e “demais”. Os dados indicam que essas expressões veiculam significados como: (i) referencialidade, quando o núcleo nominal se refere a entidades do mundo; (ii) quantificação, quando quantifica indivíduos ou objetos, como em “gente pra cachorro”; (iii) intensificação, quando modifica verbos, adjetivos ou advérbios, como em “correu pra caramba”. O subesquema se mostra altamente produtivo no português brasileiro, promovendo a criação de novos padrões construcionais.

Palavras-chave: Intensificação; Quantificação; Abordagem construcional.

THE CONSTRUCTIONAL SUBSCHEME [[X] PREP N] IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A CONSTRUCTIONAL APPROACH

ABSTRACT: This paper aims at analyzing, based on Scaldelai (2016, 2017, 2020) and Scaldelai-Salles and Souza (2020), the intensification constructional subscheme [[X] Prep N] in Brazilian Portuguese, which instantiates various intensifying microconstructions, such as “pra cacete”, “do caramba”, “com força”, among others. The analysis follows the constructional approach (TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010), considering the properties of schematicity, compositionality, and productivity, which are fundamental for the formation and conventionalization of these expressions. According to the authors, these constructions serve to

¹ Doutor em Linguística (IEL/UNICAMP), Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto, Professor de Linguística dos Cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Letras – Tradutor e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL/IBILCE, <https://orcid.org/0000-0003-1303-1394>, edson.rosa@unesp.br.

² Graduado em Letras (Português/Inglês), Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto, <https://orcid.org/0000-0001-7017-1196>, jordan.faria@unesp.br.

³ Graduada em Letras (Português/Espanhol), Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, Câmpus de São José do Rio Preto, <https://orcid.org/0009-0000-5848-5328>, mariane.salton@unesp.br.

intensify or exaggerate aspects of something. Using the Corpus of Portuguese (DAVIES and FERREIRA, 2006), which contains billions of words, this study seeks to inventory and describe the microconstructions derived from the [[X] Prep N] subschema, distinguishing them from other simple constructions, such as “muito” and “demais”. The data indicate that these expressions convey meanings such as: (i) referentiality, when the nominal head refers to entities in the world; (ii) quantification, when it quantifies individuals or objects, as in “gente pra cachorro”; (iii) intensification, when it modifies verbs, adjectives, or adverbs, as in “correu pra caramba”. The subschema proves to be highly productive in Brazilian Portuguese, fostering the creation of new constructional patterns.

Keywords: Intensification; Quantification; Constructional Approach.

1. Introdução

As construções intensificadoras desempenham um papel fundamental na expressão de ênfase e de grau nas línguas do mundo, ocorrendo em diversos registros e contextos discursivos. A intensificação, em sua maioria, é expressa nas línguas por meio de advérbios de grau, de expressões idiomáticas, da repetição, da prosódia e de outros dispositivos linguísticos, que se formam nas línguas a partir da instauração de operações cognitivas, tais como a metáfora, a hipérbole e metonímia. Para Baicchi (2020), a intensificação está diretamente relacionada à incongruência que se estabelece entre os domínios semânticos, isto é, da quebra de composicionalidade entre forma e significado, que promove uma amplificação da expressividade do enunciado, tornando a comunicação mais enfática e emocionalmente carregada, razão pela qual tais construções são extremamente produtivas nas línguas.

No contexto das línguas românicas, que incluem línguas como o português, as palavras de grau são elementos cruciais na modificação de predicados e termos, atuando como modificadores flexíveis, conforme destacado por Salazar-García (2008). O autor argumenta que as novas construções intensificadoras, ao serem incorporadas às gramáticas das línguas, contribuem para a diferenciação e flexibilidade dentro das estruturas linguísticas, o que permite uma variedade de estratégias gramaticais para expressar intensidade e ênfase.

As construções intensificadoras no português incluem desde um simples adjetivo ou advérbio até estruturas fonéticas, morfológicas e sintagmáticas mais complexas. Segundo Enghels e Roels (2017), os intensificadores são operadores discursivos que realçam tanto a quantidade quanto a propriedade de elementos na comunicação, sendo especialmente produtivos no discurso juvenil, que frequentemente se destaca por inovações linguísticas.

Para Silva (2008), a intensificação permite ao falante alcançar um propósito comunicativo específico ou diferente, em que a dimensão ou a intensidade de algum aspecto ultrapassa o que é considerado normal ou esperado para uma dada situação. Em outras palavras, segundo o autor, a intensificação está relacionada à necessidade do falante de expressar uma noção elevada sobre algo. Assim, a intensificação é um processo avaliativo do mundo altamente produtivo não apenas em nossa língua, mas também em muitas outras.

Levando-se em consideração essas primeiras considerações, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir dos pressupostos teóricos da abordagem construcional da linguagem (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010), o subesquema de intensificação [[X] Prep N], responsável por instanciar no Português Brasileiro uma grande variedade de micronstruções intensificadoras, tais como *pra cacete*, *pra caramba* (SCALDELA-SALLES e SOUZA, 2020), *pra caralho*, *do caramba*, *pra Cacilda*, *pra porra*, *do peru*, *do cacete*, *com força* (SOUZA e BARBOSA, 2023), *com vontade*, dentre outras. Em outros termos, o objetivo é analisar não somente a produtividade do subesquema [[X] Prep N] como também as propriedades de esquematicidade e composicionalidade desse subesquema, que favorecem a formação e a consolidação das microconstruções instanciadas por ele.

Para cumprir esses objetivos, este artigo se organiza da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a introdução e objetivos do artigo; na sequência, apresentamos uma discussão sobre a noção de intensificação e os princípios teóricos básicos da abordagem construcional; posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos e a análise dos dados junto com os resultados obtidos. Por fim, expomos as conclusões e as referências bibliográficas.

2. A intensificação e o processo de mudança linguística

As línguas naturais, por mais que apresentem uma aparente regularidade ou estabilidade em sua estrutura, como bem destaca Bybee (2010), ao compará-las com a instabilidade das dunas de areia, estão sempre passando por processos de mudança linguística, que podem afetar todas as dimensões da linguagem: a pragmática, a semântica, a morfossintaxe e a fonologia. Essas mudanças ocorrem justamente para atender às necessidades comunicativas de seus falantes, que criam novas construções, a partir de modelos já existentes na língua, ou então revitalizam construções já existentes na

língua com nova sintaxe e novas funcionalidades. Assim, conforme diz Bybee (2010), a aparente regularidade dá lugar à gradiência e à variação⁴, que estão sempre na base de processos responsáveis pela dinamicidade das línguas.

A proposta de Bybee (2010, 2015) aponta para a atuação de princípios cognitivos nos processos de mudança linguística. No que se refere ao plano da cognição, Heine (1994) destaca que a formação e a emergência de estruturas linguísticas advêm da atuação de processos cognitivos básicos, por meio dos quais conceitos mais abstratos são concebidos em uma língua a partir de conceitos mais concretos referentes ao universo biossocial dos falantes. De acordo com Langacker (1987) e Lakoff (1987), é comum entendermos conceitos abstratos a partir de experiências humanas fundamentais no mundo, processo conhecido como corporificação da linguagem. Essa ideia se baseia no fato de que os seres humanos tendem a relacionar elementos da língua com aspectos do mundo ao seu redor, utilizando o próprio corpo como ponto de referência espacial (SILVA, 2006, 2013, 2014, 2019; SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020). Segundo Slobin (1980, *apud* SILVA, 2006), essas noções abstratas são processadas na língua por meio de extensões metafóricas e metonímicas que operam entre domínios cognitivos.

Quando se fala na emergência de novas construções, a partir da atuação de processos cognitivos, como categorização, encadeamento, analogia (BYBEE, 2010), e de operações metafóricas e metonímicas, podemos citar como exemplo o domínio da intensificação (SILVA, 2006; SILVA, SOUZA e ANDRADE, 2009; BERLANDA, 2013; GRANDI, 2017; BUNTINX e VAN GOETHEM, 2018; SCALDELAISALLES, 2016, 2017, 2020; SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020; MOTA e VIEIRA, 2020), que mostra como as nossas vivências no mundo são importantes para entendermos os significados diversos relativos à noção de intensidade, em especial da intensificação de natureza superrelevada acerca de algo (SILVA, 2006).

Silva (2006, p. 205) assinala que a intensificação se constrói a partir de conteúdos mais concretos presentes no entorno dos falantes. Um exemplo disso é o uso da expressão intensificadora “pra chuchu”, que emerge na língua por meio de um processo de metaforização da ideia de produção abundante de chuchus, em que se observa a abstratização semântica envolvendo esse fruto até chegar à emergência da construção intensificadora “pra chuchu”: *produção abundante de chuchu > quantidade considerável*

⁴ Segundo Bybee (2010), a noção de gradiência se refere aos limites não discretos das categorias de uma língua, ao passo que a noção de variação se refere ao fato de as estruturas linguísticas exibirem, em várias sincronias, formas alternantes, podendo resultar, ao longo do tempo, em um caso de mudança.

de *chuchu* > ‘*pra chuchu*’ com valor de intensidade. Dessa forma, segundo Silva (2006), podemos dizer, por exemplo, que o intensificador prototípico “muito” emerge do “esquema imagético” de quantidade, e que “ultra” e “super” emergem das ideias de localização horizontal e vertical, respectivamente. Esses casos mostram, conforme Langacker (1987) e Lakoff (1987), que a presença do corpo e de sua localização no espaço servem como referência para a criação de muitos conceitos gramaticais.

Exemplos de expressões intensificadoras prototípicas são dados abaixo:

- (1) *Eu tenho uma coleção de louças em casa, então **gosto muito** de saber a história de as peças.* (BR-20/ <https://www.metropoles.com/colunas-blogs>)
- (2) *Ela conta que em o começo não teve dificuldades, porém com o passar de os meses o bebê se mostrava **bastante sensível**.* (BR-20/<https://www.em.com.br/app/noticia>)
- (3) *Vettel foi **extremamente rápido** em toda a parte, mas foi impedido por um pit-stop bizarro onde sua equipe sofreu um problema de rádio e não estava pronta...*(BR-20/<https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo>)

Em (1), (2) e (3), as expressões em negrito atuam como advérbio de intensidade (NEVES, 2011), modificando o estatuto semântico de outros elementos do enunciado. Em (1), o advérbio “muito” modifica o sentido do verbo “gostar”, intensificando-o; em (2), o advérbio “bastante” modifica o estatuto semântico do adjetivo “sensível”; já em (3), o advérbio “extremamente” também intensifica um adjetivo. Ao intensificar diferentes termos oracionais, o papel do falante é, segundo Dik (1989), Chafe (1976) e Hopper e Thompson (1980), chamar a atenção do ouvinte para algum ponto que ele considera importante na cena enunciativa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, como poderíamos explicar o uso das construções em negrito nas ocorrências de (4) a (9)? Haveria alguma diferença, em termos de funcionalidade, entre essas construções e aquelas apresentadas de (1) a (3)?

- (4) *Sim, por mais que eu bata no peito e diga que tenho coração da Frozen, todo mundo sabe que eu sou **sensível pra caramba**.* (BR-20/<https://medium.com/>)
- (5) *Agostinho Patrús e sua mulher Orcanda Andrade Patrús são **chiques pra danar**.* (BR-20/<https://dspace.almg.gov.br/>)
- (6) *O Chefe **ligou puto de raiva**.* (BR-20/context.reverso.net)
- (7) *E Rakitic **correu pra caralho** ontem, cobriu o espaço que os caras usam nas costas do Messi com perfeição, ele faz uma função importantíssima no time.* (BR-20/www.vk.com)
- (8) *Ouçõ muito rap **fudido de bom** na rádio Last FM.* (BR-20/www.last.fm.com)
- (9) *Isso é **bom para mais de metro**.* (BR-20/www.youtube.com)

Apesar de as expressões em negrito apresentarem uma configuração formal distinta, todas elas funcionam como uma construção intensificadora de natureza perifrástica, justamente porque são compostas por mais de um elemento, razão que leva

Lima-Hernandes (2009) a classificar esse tipo de construção como perífrases elativas de função intensificadora. As expressões intensificadoras exemplificadas em (4) e (7) são instanciadas pelo subesquema construcional [[X] Prep N], porém, as duas expressões modificam categorias diferentes: [*pra caramba*] intensifica o sentido do adjetivo “sensível” e [*pra caralho*] intensifica o sentido do verbo “correr”. A microconstrução de intensificação em (5) é, por sua vez, instanciada pelo subesquema construcional [[X] Prep V], bastante produtivo no português, em que o *slot* [V] é preenchido por um verbo [*danar*]. Em (6), a microconstrução intensificadora em negrito é instanciada por outro subesquema construcional bastante produtivo na língua, [N Prep [X]], no qual se observa uma dupla relação de modificação, ou seja, [*puto de*] modifica o nome/adjetivo “raiva” e a construção como um todo [*puto de raiva*] modifica o verbo [*ligar*]. Já a microconstrução [*fudido de*] em (8) é instanciada pelo subesquema [V_{participio} Prep [N/Adj]]⁵, cuja produtividade é considerada relativamente moderada na língua. Trata-se de um subesquema que instancia microconstruções com verbos do tipo “vazar”, “danar”, “varar”, “morrer” e verbos classificados como palavras “tabu”, como “cagar” “foder”, entre outros, que, por essa razão, tendem a circular, de acordo com a nossa avaliação, em situações mais informais e/ou espontâneas de interação⁶.

Por fim, em (9), a microconstrução [*para mais de metro*] é um idiomatismo (XATARA, 1995; KEIZER, 2016), de natureza lexical, que cumpre a função de intensificar uma qualidade. É semelhante a outras construções intensificadoras classificadas como idiomáticas no português, tais como “(só) pó o da rabiola”, “(só) pó do bagaço”, “(só) pó o da bagaceira”, “(só) o pó do quimba”, “(só) o quimba”, “só o pó da gaita”, “só o pó do Batman”, “só o pó do Tang”, “só o pó do balacobaco”, “só o pó do giz”, dentre muitas outras que seguem o mesmo padrão construcional. Essas expressões e muitas outras aqui já mencionadas, diferentemente daquelas classificadas como prototípicas ou simples, são usadas pelos falantes como uma estratégia para indicar uma noção exagerada ou hiperbólica sobre algo. Essa funcionalidade é o que explicaria,

⁵ Outros exemplos de microconstruções intensificadoras são dados a seguir: (i) *pra cacete, pra burro, pra caralho, pra porra, pra dedéu* (SCALDELAI-SALLES e SOUZA, 2020), que podem intensificar tanto verbo, adjetivo quanto advérbio; (ii) *roxo de, vermelho de, puto de, podre de*, etc, que tendem a intensificar a propriedade de um nome (substantivo ou adjetivo); (iii) *de morrer, de chorar, de foder*, etc, que tendem a modificar adjetivos; (iv) *morrer de, chorar de, desmaiar de*, dentre outras. As expressões desse último grupo são instanciadas pelo subesquema [V Prep [X]] e tendem a escopar a categoria de verbos.

⁶ Paula e Oliveira (2019, p. 259) analisam uma outra construção intensificadora no português: [*pra lá de [X]adj*], que pode instanciar, segundo os autores, pelo menos, quatro tipos distintos de microconstrução: **Para lá de X_{locativa}** (como em *prá lá de Bagdá*), **Para lá de X_{tempo}** (como em *pra lá de tarde*), **Para lá de X_{quantidade}** (como em *pra lá de cem alunos*) e **Pra lá de X_{adjetivo}** (como em *pra lá de complexa*).

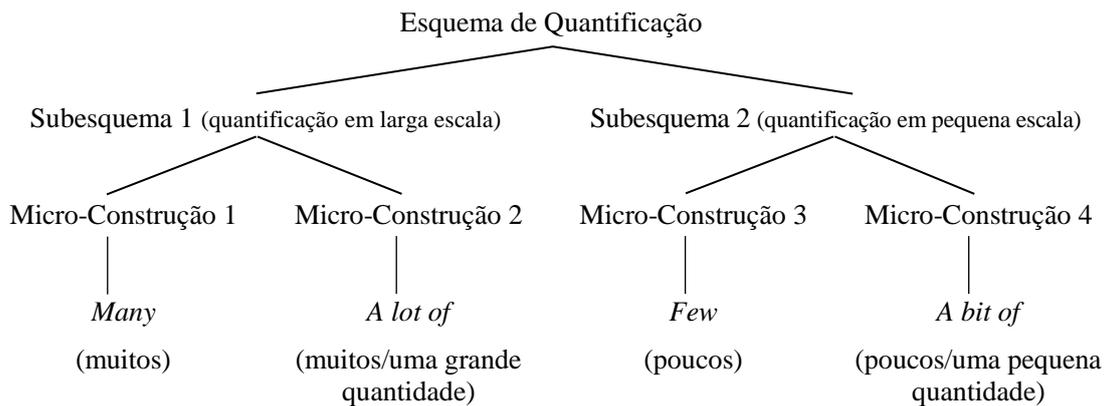
segundo Silva (2006), Scaldelai (2017) e Scaldelai-Salles e Souza (2020), a escolha do falante por essas expressões, tidas como estigmatizadas em certos contextos.

Sobre a diversidade de estratégias de intensificação e o papel que elas cumprem no processo de comunicação, Neves (1997, p.20) chama a atenção para algo importante:

em qualquer estágio da interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso, o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário.

De acordo com Neves (1997), se o falante usa estratégias de intensificação distintas na língua, é porque muito provavelmente essas construções cumprem funções também diferentes na gramática da língua e também em termos de intenção comunicativa. No caso das construções intensificadoras aqui definidas como prototípicas e perifrásticas, tal distinção parece estar atrelada, a nosso ver, à diferença de gradação de intensificação entre uma construção e outra (SILVA, 2006; CASTILHO, 2010; NEVES, 2011; SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020; SCALDELAISALLES, 2020; SOUZA e BARBOSA, 2023). Assim, partimos do pressuposto de que é por conta dos diferentes efeitos comunicativos (ênfase, persuasão, etc.) ligados a essas construções que o falante explora as mais variadas formas e maneiras de transmitir o que pensa, o que deseja e o que espera. Dessa forma, para atingir sua intenção comunicativa, isto é, para persuadir o seu interlocutor sobre algo, o falante utiliza alguma estratégia discursiva que seja capaz de chamar a atenção ou de provocar um impacto maior no seu interlocutor, situação que não seria atingida apenas com o uso de intensificadores do tipo “muito”.

Na trajetória de formação da intensificação, a noção de quantidade está quase sempre presente, o que explica a sua relação próxima com os subesquemas de quantificação, como se vê no quadro 1, que ilustra as relações hierárquicas que se estabelecem entre esquemas, subesquemas, microconstruções e constructos de quantificação. Segundo Traugott e Trousdale (2013), essas relações de gradiência entre construções de quantificação no Inglês apresentam pontos de contato com as relações hierárquicas que se estabelecem entre esquemas, subesquemas e microconstruções de intensificação:

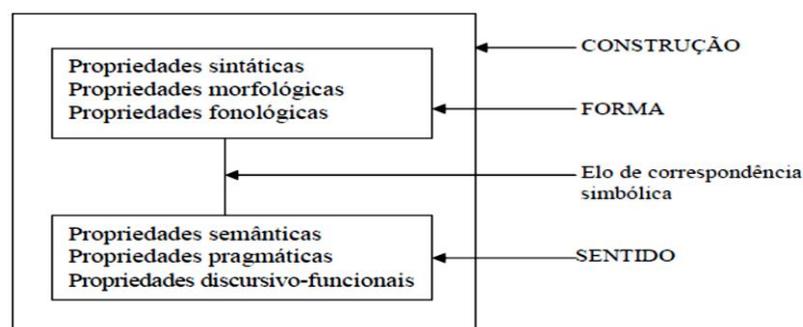


Quadro 1. Relações hierárquicas de gradiência entre construções (Traugott e Trousdale, 2013, p. 17)

A construção de quantificação “a lot of” se originou, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), de construções de natureza partitiva (um pouco de/ uma parte de), em que a construção “a lot of” era usada, inicialmente, com o sentido de “uma grande quantidade” de tal coisa, indicando uma porção de um todo. Com o tempo, essa expressão passou a indicar quantidade genérica, demarcando o número de coisas, como em: *I have a lot of pants* (Eu tenho muitas calças), em que “a lot of” indica quantidade e não uma parte de algo.

O exemplo de “a lot” (oriundo de *a lot of*) e de outras formas intensificadoras já listadas aqui, com funções específicas nas línguas, apontam para a emergência de um novo pareamento de forma e sentido, a exemplo do que é proposto por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004) no esquema de construção. A figura (1), extraída de Croft (2001), mostra como a construção é concebida no modelo da Abordagem construcional (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Para esse modelo, a construção é decorrente de pareamentos de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), ambos interligados por elos de correspondência simbólica:

Figura 1. Modelo simbólico de uma construção (CROFT, 2001, p.18)



No modelo simbólico de construção de Croft (2001), incorporado por Traugott e Trousdale à Abordagem construcional, ambas as dimensões (a da forma e a do sentido) motivam os usos linguísticos e são elas também motivadas por tais usos, configurando, assim, outro tipo de correlação (função ↔ forma) (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8), em que ambos se influenciam e reforçam com maior equiparidade a importância do contexto de uso e da forma em uma construção, proposta esta que se distancia do pressuposto teórico presente nos estudos funcionalistas de Givón (1979, 1995), que defendiam a trajetória unidirecional (função → forma), como bem pontua Oliveira (2015, p.24). A construção é, portanto, resultado do pareamento de uma nova configuração formal e de uma nova configuração de sentido.

Para a Abordagem construcional (Traugott e Trousdale, 2013), que serve de suporte teórico para este estudo, a mudança linguística pode ocorrer de duas formas: (i) ela pode afetar apenas a forma ou apenas o significado, resultando naquilo que Traugott e Trousdale (2013, p. 20-23) chamam de *mudança construcional*, que são as pequenas mudanças que ocorrem antes da construcionalização; ou (ii) pode afetar, simultaneamente, a forma e o significado de uma construção, resultando, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 21-22), em um caso de *construcionalização*, ou seja, na emergência de uma nova construção na língua.

A emergência de novas construções, que se acoplam à rede construcional da língua, envolve dois tipos de construcionalização: a construcionalização gramatical, quando a construção exerce alguma função relacional na língua, e a construcionalização lexical, quando a construção emerge na língua com um significado lexicalizado específico

3. Metodologia e universo de investigação

Para o desenvolvimento da pesquisa, que é de natureza qualitativa e quantitativa, adotamos, como já foi apresentado, a perspectiva teórica da Abordagem construcional da linguagem, nos termos de Bybee (2010) e de Traugott e Trousdale (2013).

O universo de investigação é composto por duas subamostras do *Corpus do Português* (DAVIES e FERREIRA, 2006; 2016): (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos históricos do português brasileiro e do português europeu, e (ii) a subamostra *Now*, com 1 bilhão e 100 mil palavras, que inclui textos atualizados da internet oriundos de revistas e jornais publicados em português. A primeira

subamostra permite a realização de pesquisa diacrônica, uma vez que ela é composta por textos do português que vão do século XIII ao século XX. Já a subamostra *Now* contempla textos mais recentes do português brasileiro, publicados em jornais impressos e em jornais online, referentes ao século XXI.

Para a investigação dos casos de microconstruções instanciadas pelo subesquema [[X] Prep N], utilizamos os seguintes parâmetros de análise: (i) grau de esquematicidade, (ii) grau de composicionalidade, (iii) grau de produtividade e (iv) tipo de elemento escopado, que é importante para distinguir os casos de quantificação e os casos de intensificação.

A fim de garantir que todos os parâmetros sejam aplicados a todas as ocorrências levantadas no *corpus* de forma equânime, utilizamos, como ferramenta estatística, o programa sociolinguístico *GoldVarbX* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que permite apurar os números absolutos e percentuais de todos os parâmetros analisados.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1. Esquematicidade, composicionalidade e produtividade do subesquema [[X Prep N]

A tabela a seguir mostra que o subesquema construcional [[X] Prep N] é extremamente produtivo no Português brasileiro, instanciando diferentes tipos de microconstruções intensificadoras na língua, formadas por diferentes preposições e diferentes tipos de nomes que preenchem, respectivamente, os *slots* de Prep e N no subesquema [[X] Prep N]. Os números da tabela 1 ilustram a frequência *type* de microconstruções e a frequência *token* de cada tipo identificado de microconstrução nas subamostras selecionadas do *Corpus* do Português:

Tabela 1. Produtividade e generalização do subesquema construcional [[X] Prep N]

| Microconstruções instanciadas por [[X] Prep N] | Frequência | TOTAL (%) |
|--|------------|-----------|
| [[X] pra caramba] | 2746 | 51,9% |
| [[X] pra caralho/caraio] | 1138 | 21,78% |
| [[X] a rodo] | 330 | 6,55% |
| [[X] à beça] | 310 | 5,8% |
| [[X] pra burro] | 190 | 3,5% |
| [[X] pra cacete] | 168 | 3,1% |
| [[X] pra dedéu] | 94 | 1,7% |
| [[X] pra chuchu] | 88 | 1,6% |
| [[X] com força] | 82 | 1,5% |
| [[X] pra cachorro] | 72 | 1,3% |
| [[X] do caralho] | 26 | 0,49% |

| | | |
|-------------------|------|-------|
| [[X] pra caraca] | 11 | 0,20% |
| [[X] do diabo] | 9 | 0,17% |
| [[X] pra porra] | 8 | 0,16% |
| [[X] pra Geddel] | 6 | 0,11% |
| [[X] do cacete] | 4 | 0,07% |
| [[X] da porra] | 2 | 0,03% |
| [[X] pra peste] | 1 | 0,02% |
| [[X] do caramba] | 1 | 0,01% |
| [[X] pra cacilda] | 0 | - |
| [[X] pra caçamba] | 0 | - |
| TOTAL | 5286 | 100% |

Fonte: Elaboração própria (Adaptado de SCALDELAI-SALLES e SOUZA, 2020, p. 70)

A tabela 1 revela que o subesquema construcional [[X] Prep N], que instancia diversas microconstruções perifrásticas em português (incluindo os casos de quantificação e intensificação), é altamente produtivo na língua. Essa produtividade confirma a prevalência da microconstrução [[X] pra caramba], que representa 51,9% (2746 de 5286) dos dados coletados, sendo a mais comum. Em segundo lugar está a microconstrução [[X] pra caralho], com 21,35% dos dados (1115 ocorrências). Em terceiro lugar está a microconstrução [[X] a rodo], somando 330 ocorrências (que representam 6,55% do total de dados coletados).

Uma análise mais aprofundada indica que, embora a expressão [[X] pra caralho] seja bastante significativa nas subamostras, seu uso está predominantemente associado a contextos mais informais, como blogues, comentários de internautas, fóruns de discussão e mídia voltada para o público jovem (SCALDELAI-SALLES e SOUZA, 2020, p. 70). Já a microconstrução [[X] pra cacete], que aparece em 3,1% dos dados coletados, está presente em contextos que envolvem um certo grau de formalidade, incluindo textos jornalísticos (como debates e afins), o que sugere que esta expressão é menos estigmatizada sociolinguisticamente pelos usuários.

Em relação à microconstrução [[X] pra caramba], identificada como mais frequente na subamostra analisada, pode-se dizer que a sua alta produtividade está certamente relacionada ao fato de essa construção ser percebida como pouco estigmatizada pelo falante, podendo ocorrer em diferentes contextos de comunicação. De acordo com o Dicionário Online do Português (2009), o termo “caramba” tem origem espanhola e é empregado pelo usuário da língua para manifestar surpresa, espanto, ironia, entre outros sentimentos. Contudo, além de funcionar como uma interjeição que indica admiração, surpresa e espanto, essa expressão tem sido amplamente utilizada no

português brasileiro para indicar um alto grau de intensidade. Isso é evidente na frequência com que aparece na língua, como demonstrado a seguir:

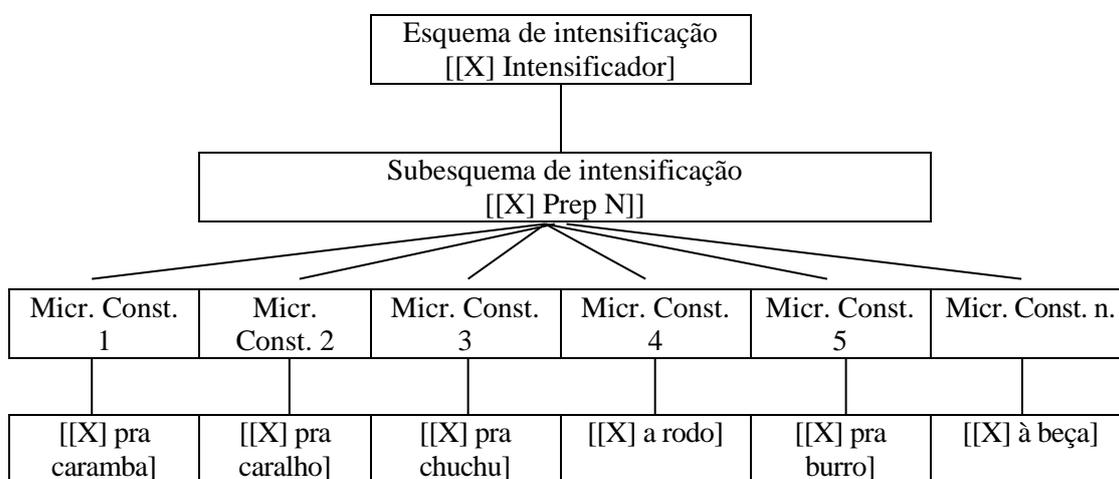
- (10) O amigo verdadeiro é aquele que torce pela gente, q aposta na gente adorei seu texto!!! Vc escreve *pra caramba* hein??? Pois então, m tenho vários amigos, e é são eles que me fazem viver e ser tão feliz! nada se compara a o valor de uma grande amizade!!! beijos, fica com Deus! ([/www.ateondevai.com/no-ter-um-namorado-na-sua-vida-pode.html](http://www.ateondevai.com/no-ter-um-namorado-na-sua-vida-pode.html))
- (11) Daí a estória é ótima, aprendemos muito sobre a cultura dos árabes e o mocinho tinha um forte motivo para agir do jeito q agiu, mas não soube perceber o amor da mocinha tornando- a um pouco infeliz com suas atitudes.... Então eis aí um bom livro, porém pra nós mulheres q adoramos mocinhos românticos e caidinhos pelas mocinhas, nem tão bom assim, do jeito q só vale a leitura mesmo o final.... Bom pessoal eu particularmente achei o mocinho um ogro... possessivo demais e mocinha aff besta não...eu não aguentaria isso pois independência acima de tudo... mais a história é boa...e a dona do blog está de Parabéns já virei fã número um... bj bj Esse mocinho é LOUCO! Além de paranóico é *chato pra caramba*, falando constantemente da sua cultura; exigindo que a mocinha reverenciasse a cultura dele, mas não respeitava os costumes dela. (<http://amoraosromances.blogspot.com/2013/a-certeza-do-seu-amorsrp.html>)

Em (10), a microconstrução [*pra caramba*] é usada para intensificar a ação expressa pelo verbo “escrever”, exagerando a noção de intensificação. Nesse exemplo, o falante trata da importância de amigos verdadeiros que torcem pelo sucesso do outro, incentivam e acompanham a trajetória dos demais amigos. Ao utilizar a expressão “pra caramba”, o objetivo do falante é enfatizar o quão habilidoso é o amigo escritor e o quanto ele trabalha (escreve textos). Em (11), a microconstrução [*pra caramba*] modifica o valor expresso pelo adjetivo “chato”, que adquire uma avaliação hiperbólica. Nesse caso, a microconstrução aparece em um relato de um romance envolvendo personagens inseridos em uma cultura árabe, mais especificamente sobre o não atendimento à expectativa da leitora em relação ao comportamento e perfil do personagem masculino e sua relação não muito saudável com a personagem feminina, daí o fato de a leitora utilizar a expressão “pra caramba” para reforçar que o livro é muito chato. Ao organizarem, portanto, as suas interações e intenções, cada um dos personagens elencados acima, que se encontram em contextos distintos de comunicação, utiliza a mesma estratégia de intensificação (*pra caramba*) para codificar sua intenção comunicativa, que é a de realçar e explicitar claramente aquilo que pensam e sentem. É uma forma de impressionar o ouvinte e de marcar a sua avaliação sobre algo, a fim de ganhar a atenção do outro.

Nas três microconstruções intensificadoras mencionadas acima, observa-se que sua presença na língua resulta de um grau significativo de generalização esquemática da construção intensificadora. Essa generalização permitiu que o esquema construcional se expandisse ao longo do tempo, incluindo outros membros intensificadores com funções

semelhantes ou idênticas. Isso significa que, quanto mais abstrata, esquemática e abrangente se torna a construção na língua, maior será sua capacidade de atrair novos membros, mesmo que eles sejam menos prototípicos, para preencher os *slots* de um subesquema construcional de natureza intensificadora. Em outras palavras, o subesquema construcional $[[X] \text{ Prep } N]$ instancia uma variedade de microconstruções intensificadoras ou não, no qual tanto o *slot* de Prep (preposição) quanto o *slot* de N (nome) podem ser preenchidos por uma infinidade de elementos. Esta flexibilidade na composição dos elementos permite que o subesquema incorpore novas expressões intensificadoras ao seu repertório, aumentando a variabilidade e a diversidade de formas intensificadoras na língua. A figura 1 ilustra como esses *slots* podem ser ocupados por diferentes tipos de componentes, exemplificando a capacidade do subesquema em integrar uma ampla gama de microconstruções intensificadoras. Esse processo de expansão e inclusão é um reflexo da dinamicidade da língua e da tendência natural das construções a se adaptarem e evoluírem para melhor atender às necessidades expressivas dos falantes.

Figura 2 – Relações hierárquicas de gradiência entre esquemas, subesquemas e microconstruções intensificadoras no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria (Adaptado de SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020, p. 68)

A análise da figura 2 revela que o subesquema construcional $[[X] \text{ Prep } N]$ possui um elevado grau de generalização. Isso se deve ao fato de que ele instancia diversas microconstruções quantificadoras e intensificadoras que compartilham uma mesma estrutura sintagmática básica. Os dados diacrônicos levantados por Scaldelai-Salles e Souza (2020) mostram que a microconstrução $[[X] \text{ pra caramba}]$ foi a primeira a se estabelecer no português, por volta do início do século XX. Esse desenvolvimento marcou o surgimento de um padrão construcional mais abstrato, que subsequentemente permitiu

a formação de outras microconstruções intensificadoras na língua, através do processo de analogização.

Os exemplos (12), (13) e (14) ilustram como essa flexibilidade se manifesta na prática, mostrando instâncias de microconstruções intensificadoras no português. Essas ocorrências mostram como o português brasileiro se adapta e evolui, incorporando novas formas de expressão que se ajustam às necessidades comunicativas dos falantes. Isso não apenas enriquece o leque de opções expressivas da língua, mas também evidencia a dinâmica da linguagem em refletir e moldar experiências e percepções sociais ao longo do tempo:

- (12) Não existe diferença entre um dogo, pitbull, etc.. Tudo consiste na maneira em que são criados. É claro que cada uma das raças tem suas características, mas não quando se tratar de violência. Aí sim entra o direcionamento na criação. Hoje não se comercializa mais dobermanns, Pitbulls, filas. Estão lançando no mercado o tal "Bulling"», um salsichão *feio pra cachorro* mas, como é o cão do momento, seu valor é alto. O que rege a existência de raças de cães é o seu valor atual de mercado atual. (<http://animal-e-cia.blogspot.com/conheca-as-7-racas-de-.html>)
- (13) O pior é que as panacas saem para a balada, para a micareta, para o posto de gasolina, beijam 4 caras e ainda querem ser amadas!!!!!!! Eu não me encaixo nessa merda mesmo e não dou a mínima. Eu não desço até chão, não bebo até cair, eu não pego qualquer um, não saio distribuindo selinhos no rock, não ponho foto de biquini no facebook e sou *preconceituosa pra caralho*. Sabe o que é melhor do que ser bandalho ou galinha? Amar. O amor é a verdadeira sacanagem. Carlos Jobim. (www.elesnaovalemumapipoca.com/)
- (14) Ponha um tigre debaixo do braço! E basta de pastas, ó tu que levas o leite com ti -- bom até a última gota! Se amares, o sangue circulará melhor em tuas glândulas mamares, e conseqüentemente terás seios sinceros, autodidatas, substantivos! Algo mais que o Amor lhe dá... Casamento serve bem ao grande e ao pequeno. Serve *bem à beça!* Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que viaja ao lado seu. (www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?)

Em (12), a expressão “pra cachorro” modifica o sentido do adjetivo “feio”. A utilização dessa microconstrução reforça a avaliação negativa do enunciatário em relação à raça de cachorro salsicha que, embora esteja em alta no mercado, não é atrativa visualmente na sua opinião. Em (13), a microconstrução “pra caralho” é usada pelo enunciatário para modificar o adjetivo “preconceituosa”, expressando o seu posicionamento de repúdio em relação às mulheres que vão para qualquer lugar, rebolam até o chão e beijam vários rapazes em uma balada. Nesse caso, a expressão “pra caralho” amplifica a ideia de que a pessoa se considera extremamente preconceituosa com relação a esse tipo de comportamento social. Essa construção é frequentemente encontrada em contextos mais informais e é utilizada para expressar opiniões ou sentimentos de forma

enfática e direta. Por fim, em (14), a expressão “à beça” é empregada pelo falante para descrever algo que se adequa muito bem a um certo contexto, ou seja, a expressão em questão modifica o advérbio “bem”, que aponta para a ideia de adequação. Embora a construção “à beça” utilize uma preposição diferente (“à” em vez de “pra”), ela pertence ao mesmo subesquema construcional de intensificação [[X] Prep N] e desempenha a mesma função de outras expressões intensificadoras. Nesse caso, a expressão é usada para exagerar a avaliação positiva, sugerindo que algo está em total sintonia ou é totalmente aplicável a uma determinada situação. A frequência de uso dessa microconstrução no português brasileiro demonstra a produtividade do subesquema construcional de intensificação, permitindo aos falantes enfatizar características, eventos ou qualidades.

As ocorrências (15) e (16), que seguem abaixo, exemplificam casos inovadores de microconstruções intensificadoras perifrásticas encontradas nas duas subamostras do *Corpus* do Português. É importante observar que, embora as microconstruções [[X] pra cacilda] e [[X] pra caçamba] não tenham sido identificadas no *Corpus*, qualquer busca no Google revela que essas expressões existem e são bastante recorrentes em textos online:

- (15) nos casos das séries sempre vão haver novos usuários buscando aquelas q já saíram e série cara... pô, sempre vai ser vista por alguém!!!! Por exemplo.. tem muita gente q ainda não assistiu LOST e é *velha pra caraca*.... eu acho q teríamos como mudar isso, fazendo uma petição com várias assinaturas ou sei lá... (www.oficinadanet.com.br/titulos-que-serao-removidos-da-netflix)
- (16) Lendo o blog East te o West Skin Care vi o Pedro comentando sobre este protetor solar para área dos olhos da Shiseido e na hora me deu um clique. Me liguei que nunca passo protetor nessa parte do rosto. Acho que ficava com medo de cair dentro dos olhos e *arder pra chuchu*. E pense bem, esse local é o primeiro a apresentar ruguinhas e o sol é um de os maiores causadores do envelhecimento precoce (perceba como minha mente trabalhou naquela hora), corri procurar no eBay! (www.coisasdediva.com.br/tag/protetor-solar/)

Em (15) e (16), as microconstruções “pra caraca” e “pra chuchu”, ligadas a diferentes domínios cognitivos, são acionadas pelos usuários da língua para modificar os sentidos expressos pelo adjetivo “velha”, em (15), e do verbo “arder”, em (16). Em outras palavras, essas expressões intensificam os valores semânticos expressos por esses termos.

A microconstrução intensificadora [[X] pra dedéu] representa um caso interessante no português brasileiro, pois a sua origem na língua não é clara entre os estudiosos e dicionaristas (BORBA, 2004; VILLAS, 2013; UOL, 2013; FERREIRA, 2014). Uma das hipóteses defendidas por esses estudiosos é a de que ela poderia ter surgido ou derivado da expressão “[dar] de porta em porta/de casa em casa” ou de uma variação do verbo “dar” com o sentido de viajar, chegar ou ir. Independentemente da

origem exata de [pra dedéu], o que se observa é que essa expressão passou por um processo de construcionalização, adquirindo um novo pareamento de forma e sentido. Assim, deixou de ser apenas uma expressão ligada à ideia de algo mensurável (como um lugar) e passou a ser usada para expressar intensificação. Com o tempo, a expressão [[X] pra dedéu] passou a intensificar adjetivos, verbos e advérbios, conferindo ao contexto de comunicação a ideia de uma quantidade ou intensidade muito elevada. Por exemplo, na ocorrência (17), a microconstrução é utilizada para intensificar o adjetivo “pesado”, enfatizando o peso da madeira utilizada para confeccionar o berimbau:

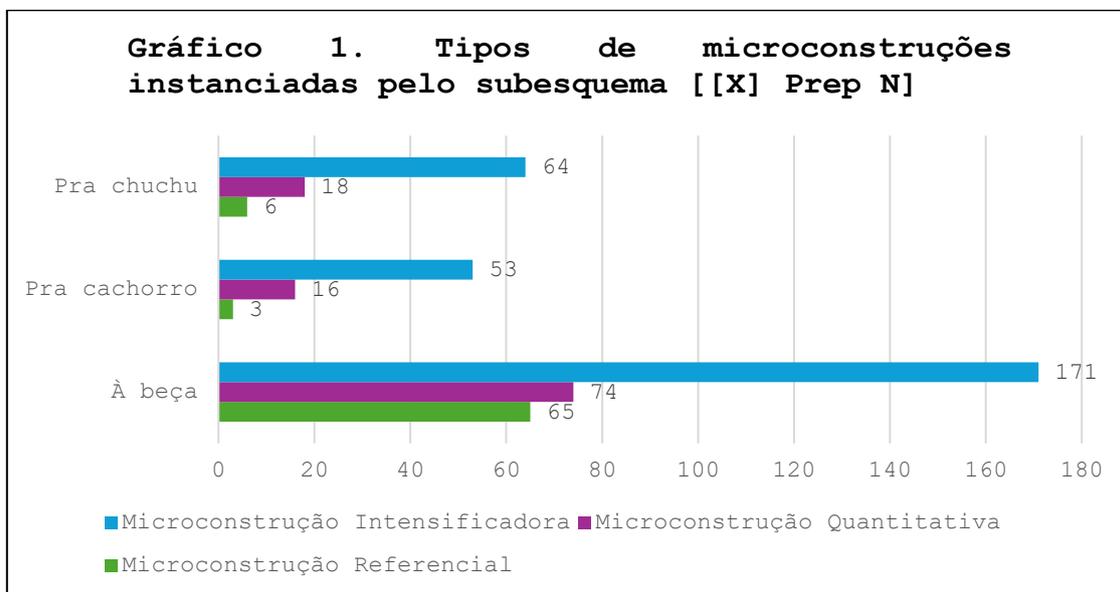
- (17) Eu não tinha noção mesmo de como era feito um berimbau antes de conhecer esses dos rapazes. E eu botei ouriço de castanha como caixa de ressonância, e aquilo é *pesado pra dedéu*, saía som mas ficou pesado. Até que eu fui pesquisando, e cheguei na Cuia-Pitinga, de onde deu um som melhor [...] (<http://afinsophia.com/category/capoeira/>)

É relevante destacar que a microconstrução [[X] pra dedéu] inspirou a criação de outra expressão intensificadora, conhecida como [[X] pra Geddel]. Esta última ganhou visibilidade após a apreensão, pela Polícia Federal, de várias malas contendo cerca de 51 milhões de reais em um apartamento em Salvador, ligado ao ex-ministro Geddel Vieira Lima, em 2017. Inicialmente, a expressão “Dinheiro pra Geddel” fazia referência a uma grande quantia de dinheiro, remetendo ao episódio das malas encontradas no apartamento de Geddel (SCALDELAI-SALLES e SOUZA, 2020). Após algum tempo, a expressão se tornou popular e passou a ser utilizada em outros contextos, referindo-se a qualquer situação, como em: “estou cansado pra Geddel” ou “comi pra Geddel”.

4.2. Quantidade *versus* intensificação: categorias que se sobrepõem?

Comparamos os números do gráfico abaixo, verificamos que as construções instanciadas pelo subesquema construcional [[X] Prep N], tais como [[X] pra chuchu], [[X] pra cachorro], [[X] à beça], se relacionam com mais de uma categoria. Em outras palavras, as expressões em destaque podem ser usadas para designar algo, quantificar uma entidade designada por um nome ou intensificar alguma propriedade de verbo, adjetivo ou advérbio. O gráfico 1 ilustra o processo de mudança construcional da microconstruções [[X] pra chuchu], [[X] pra cachorro] e [[X] à beça] ao longo do tempo, evidenciando as diferentes fases e valores semânticos que ela adquiriu. Inicialmente, os termos “chuchu”, “cachorro” e “beça” são utilizados exclusivamente como um nome, referindo-se, respectivamente, a um fruto (legume), um animal e a uma pessoa importante. Posteriormente, esses termos ingressam em uma estrutura mais esquemática,

ganhando o valor de quantificação e sendo aplicado apenas a substantivos (indicando indivíduos). Na última etapa de sua evolução e já bem estabelecida na língua, as construções em questão passam a marcar intensificação, podendo modificar verbos, adjetivos e outros advérbios, ampliando seu escopo de uso na língua portuguesa.



O gráfico mostra que os usos dessas expressões com valor de intensidade são os mais frequentes no *corpus*, ficando os usos como quantificação em segundo lugar. Os usos de [pra chuchu] com valor intensificador somam 51 ocorrências (57,9 do total de 88 ocorrências), ao passo que os usos de [à beça] contabilizam 171 casos de intensificação (55,1% do total de 310 ocorrências). Já os usos de [pra cachorro] somam 53 casos de intensificação (74,6% do total de dados). As ocorrências, abaixo, ilustram cada um dos valores expressos no gráfico 1:

Microconstrução referencial: os termos “chuchu” e “beça” são usados com função referencial/designativa (*chuchu* é um fruto/legume e *Beça* é uma antroponímia/sobrenome)

- (18) Não há recomendação específica de adubação *para o chuchu* (de-vento). Pode-se utilizar como referência a adubação para a cultura da abóbora ou do pepino, com base na análise do solo. (<https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/aprenda-a-cultivar-e-preparar-chuchu-de-vento-panc-com-propriedades-medicinais>)

- (19) O Centro Antônio Nelson conta com os grupos de teatro Faz de Conta e com o grupo de balé, que se apresentam para a comunidade e para os pais. Já o **Aníbal Beça** conta com os projetos Curumim em a Lata, Sopraninos, entre outros. (21:N: 19-01-28 BR G1)⁷

Microconstrução quantificadora: as expressões “pra cacete” e “à beça” quantificam uma entidade designada pelos nomes que compõem o núcleo dessas expressões.

- (20) [O EVENTO] FOI ONTEM: **GENTE PRA CACETE !!!** (<https://luizberto.com/e-gente-pra-cacete-3/>)

- (21) Para quem busca mais ação, a boa é o Duro de Matar (R\$ 39): são cinco carnes de 100g, cheddar, **bacon à beça**, alface, tomate e molho barbecue. Apesar de as quatro indicações ao Oscar em 1989, o filme que deu origem à franquia estrelada por Bruce Willis não levou prêmio algum para contar a história. (21:N: O Globo)

Microconstrução intensificadora: as expressões “à beça” e “pra chuchu” intensificam o sentido do adjetivo “bom” e do verbo “doer”, respectivamente.

- (22) E com' cinquenta conto' se compra o voto de um bocado de cidadão pra eleger a mesma escória. Vamos em essa, que é **bom a bessa**: botar' cinquentinha' em o bolso dá pra tomar um bocado de' pinga' e cerveja depois de o voto (21:N:15-05-31 Br. Tribuna da Bahia)
- (23) Em Belo Horizonte, Dória diz que ‘fogo amigo **dói pra chuchu**’. Apesar da declaração ressentida, a passagem de Dória [pela cidade] foi marcada de elogios a Alckmin, seu padrinho político e possível rival em uma disputa interna para ser o candidato ao Planalto (21:Estadão)

Os exemplos acima mostram que, com base em suas experiências com o mundo, os falantes conseguem adaptar e criar novas construções linguísticas para atender aos seus anseios comunicativos. Nesse sentido, Bybee (2010, p. 15-19) argumenta que a capacidade de armazenar exemplos da língua e utilizá-los como modelos para criar novas expressões é fundamental para o funcionamento e a evolução da língua. Segundo Langacker (1987), formas redundantes e variantes linguísticas são frequentemente usadas pelos falantes para estabelecer generalizações ou criar modelos construcionais que, por meio da analogia (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), resultam em novas expressões com novas funções (BYBEE, 2010; PAPALARDO, 2023). Esses processos cognitivos permitem que os falantes identifiquem padrões construcionais a partir de suas experiências e exemplos armazenados na memória, distinguindo-os de outras construções que, embora possam se assemelhar, possuem funções diferentes, como se vê nos exemplos de (18) a (23), que mostram formas e funções distintas.

Embora alguns estudiosos (ENGHELS e ROELS, 2017) apresentem definições de intensificação em que os domínios de intensidade e quantidade estão, de certa forma,

⁷ Os exemplos (26), (28) e (29) foram extraídos de Papalardo (2023, p. 15-16)

sobrepostos, os nossos dados mostram que esses domínios são diferentes, uma vez que a categoria de quantificação, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), incide sempre sobre um substantivo que designa uma entidade quantificável, ao passo que a intensificação, como discutida aqui, incide sempre sobre verbos, adjetivos ou advérbios.

Considerações finais

Com base na discussão proposta, a intensificação perifrástica pode ser definida como um processo hiperbólico e avaliativo do mundo, constituindo um recurso semântico-argumentativo muito produtivo no português brasileiro (VIEIRA e VIEIRA, 2008). Esse recurso não apenas intensifica algo, mas também serve para operações retórico-argumentativas do falante com o objetivo de alcançar algum propósito comunicativo. É por essa razão que constantemente utilizamos recursos, com os quais nos relacionamos cotidianamente, para descrever situações mais abstratas, como visto em Lakoff e Johnson (2002, apud Silva, 2006).

Além disso, observamos que o subesquema construcional [[X] Prep N] é extremamente produtivo no português brasileiro, instanciando diferentes tipos de microconstruções com diferentes preposições e nomes. São classificados como casos de construcionalização gramatical, pois os usos intensificadores desempenham um papel bastante importante na língua: o de intensificar ou fornecer uma avaliação exagerada sobre algo, alguém ou um evento. Essas construções surgem na língua como um novo pareamento de forma e significado, haja vista que o valor das expressões é de natureza não composicional (semanticamente opaco), resultante de um processo de metáforização. Nesse caso, entendemos que o significado das construções se dá pelo todo, uma vez que os termos nucleares que integram as construções perdem as suas características composicionais e passam a figurar como construções em domínios mais abstratos (quantificação e intensificação). Em outras palavras, nas microconstruções “pra caramba”, “à beça”, “pra cachorro” e “pra chuchu”, os termos nucleares não estão mais associados, respectivamente, à noção de potencialidade ou força do órgão sexual masculino, à representatividade e importância de um jurista na sociedade brasileira, à quantidade exagerada de animais ou de legumes (chuchu), mas sim a noções mais abstratas, que resultam de processos de analogização, metáforização e metonimização.

Quando essas microconstruções escopam nomes, elas devem ser definidas como construções quantificadoras, pois os substantivos constituem a única categoria linguística

capaz de designar entidades que podem ser de fato quantificadas. Já quando essas microconstruções incidem sobre verbos, adjetivos e advérbios, elas devem então ser classificadas como microconstruções intensificadoras, já que nesses casos elas passam a atuar como construções graduadoras, realçando aspectos diversos para um grau a mais.

Por fim, em relação às propriedades formais e funcionais da microconstruções instanciadas pelo subesquema construcional [[X] Prep N], dentre as quais destacamos [pra caramba], [pra cachorro], [pra chuchu] e [à beça], verificamos o seguinte:

I) Propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas): a) tendem a se posicionar à direita do elemento que é modificado pela expressão, ocupando uma posição fixa no complexo oracional/nominal; b) as microconstruções não admitem flexão de número e gênero; c) o *slot* de Prep (preposição) pode ser preenchido por diferentes tipos de preposições, tais como “pra”, “de”, “a” e “com”, o que significa que se trata de padrão esquemático; d) o *slot* de N (nome) pode também ser preenchido por diversos tipos de substantivos, desde substantivos concretos até substantivos abstratos, indicando que o subesquema construcional é altamente esquemático e produtivo na língua.

II) Propriedades de sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais): a) as microconstruções instanciadas pelo subesquema construcional [[X] Prep N] podem atuar como referenciais, quantificadoras e intensificadoras, sendo esse último tipo o mais abstrato, já que elas podem modificar verbos, adjetivos e advérbios; b) tendem a veicular ou enfatizar valores positivos, de natureza exagerada, servindo para demarcar um posicionamento/uma avaliação acerca do que é enunciado pelo falante; c) ocorrem com maior frequência nos gêneros textuais de notícia ou em textos orais.

Referências

BAICCHI, A. *Intensification via figurative meaning construction: A cognitive linguistics perspective*. In A. Musolff, J. Zinken, & A. Kövecses (Eds.), *Figurative meaning construction in thought and language*. John Benjamins, 2020.

BERLANDA, S. Constructional Intensifying Adjectives in Italian. *Proceedings of the 9th Workshop on Multiword Expressions (MWE 2013)*, Atlanta, Georgia, 2013, p. 132-137.

BORBA, F. S. *Dicionário UNESP do Português*. Contemporâneo. São Paulo, Ed. UNESP, 2004.

BUNTINX, N.; VAN GOETHEM, K. Cross-linguistic perspectives on intensification in speech: A comparison of L1 French and L2 English and Dutch. Poster presented at the

Using Corpora in Contrastive and Translation Studies Conference (5th edition). Louvain-la-Neuve, Belgium, 2018.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [2016].

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In: LI, C. (ed). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

CROFT, T. W. *Radical Construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2011.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. RJ: Fronteira, 1985.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

ENGHEL, R.; ROELS, L. *Mazo (de) y otros recursos de intensificación en el lenguaje juvenil madrileño: factores lingüísticos y sociales*. Ghent University, 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2014.

FILLMORE, C. J; KAY, P; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. *Language* 64: 501–538, 1988.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRANDI, N. Intensification processes in Italian. In: NAPOLI, M.; RAVETTO, M. (ed.). *Exploring Intensification. Synchronic, diachronic and crosslinguistic perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2017. p. 55-77.

HEINE, B. *Grammaticalization as an exploratory parameter*. In: Pagliuca W. (Ed.). *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 255-87.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P., THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, 1980, p. 251-99.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

- KEIZER, E. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980 [1987].
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, Vol. I. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Perífrases elativas de função intensificadora: rotas de Gramaticalização no Português. *Reunião da Anpoll*. São Paulo: Universidade Mackenzie, 2009.
- MOTA, N. A.; VIEIRA, M. S. M. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 16, p. 50-68, 2020.
- NEVES, M. H. As relações entre ciência linguística, uso linguístico e as noções de “certo” e “errado”. In: _____. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Editora Contexto, 2011, p.49-63.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: Oliveira MR, Rosario IC. (Orgs.). *Linguística Centrada no uso: teoria e método*. RJ: Lamparina/Faperj, 2015, p. 22-34.
- OLIVEIRA, M. R., PAULA, V. B. A construção intensificadora de grau [P(A)RA LÁ DE X_{ADJ}] – trajetória, paradigmaticização e degeneração. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 238-264, 2019.
- SALAZAR-GARCÍA, V. *Degree words, intensification, and word class distinctions in Romance languages*. *Studies in Language*, 32(3), 2008, 701–726.
- SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCALDELAI, A. L. Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro. *Relatório Final de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: Fapesp, 2017.
- SCALDELAI, A. L. Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro. *Relatório Parcial de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: Fapesp, 2016.
- SCALDELAI-SALLES, A. L. Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional. *Dissertação de Mestrado (Linguística)*. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2020.
- SCALDELAI-SALLES, A. L.; SOUZA, E. R. F. Um estudo construcional da microconstrução intensificadora “[[x] pra caramba]” no português brasileiro. *Filologia E Linguística Portuguesa*, 22(1), p. 55-79, 2020.
- SILVA, B. C; SOUZA, F. F; ANDRADE, W. C. Intensificação no Português Falado. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, n. 1, p. 1-11, 2009.
- SILVA, J. R. A intensificação numa perspectiva funcional. *Odisseia*, n. 1, UFRN, Natal, 2008.

- SILVA, J. R. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau. In.: MARTINS, M. A. *Gramática e ensino*. Natal: EDUFRN, 2013, p. 117-144.
- SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 21, p.201-218, 2º sem., 2006.
- SILVA, J. R. Intensificação do verbo e mudança construcional. *SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, n. 37, p.224-245, 2019.
- SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo, Cortez, 2014.
- SOUZA, E. R. F.; BARBOSA, L. de A. A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional. *Revista Do GEL*, 19(3), p. 28-57, 2023.
- TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VIEIRA, S. R; VIEIRA, M. S. M. Expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF – Literatura, língua e identidade*, 34, p. 63-83, 2008.
- VILLAS, A. *Pequeno dicionário brasileiro da língua morta*. São Paulo: Globo, 2013.
- XATARA, Cláudia Maria. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, 39: 195-210, 1995.

Recebido em: 18/09/2024.

Aceito em: 28/12/2024.